

**REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE AUTORIDADE E EXPERIÊNCIA
NA MODERNIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE HANNAH ARENDT E WALTER
BENJAMIN**

Francisco Rafael Queiroz de Oliveira

RESUMO

Em uma sociedade fruto da ruptura da tradição, o que os mais velhos ainda podem ensinar aos mais jovens? A transmissão de valores e experiências de vida ainda é possível? Nesse artigo, pretendemos buscar compreender essas provocações trazidas pela modernidade, através das abordagens dos pensadores Hannah Arendt e Walter Benjamin acerca da autoridade e da experiência, buscando auscultar nelas as hipóteses de um conceito de educação.

Palavras – chave: Autoridade. Experiência. Tradição. Hannah Arendt. Walter Benjamin.

**REFLECTIONS ABOUT THE CONCEPT OF AUTHORITY AND EXPERIENCE
IN THE MODERNITY: A DIALOG BETWEEN HANNAH ARENDT AND
WALTER BENJAMIN**

ABSTRACT

In a society result of the break of the tradition, what can the oldest still teach to the youngest? The transmission of values and life experiences still is it possible? In this article, we intend to look to understand these provocations brought by the modernity, through the approaches of the thinkers Hannah Arendt and Walter Benjamin about the authority and experience, looking to extract, without the claim of exhausting the discussion, which hypotheses we can note for the education concept.

Words – key: Authority. Experience. Tradition. Hannah Arendt. Walter Benjamin.

Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE). Brasileiro, residente em Maracanaú – CE. Email: rafaell_queiroz@hotmail.com

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando – as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

(Hannah Arendt)

1 A perda da tradição

“Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento” (*héritage n’est precede d’ aucun testament*) (ARENDDT, 2014, 28). Apresentando esse belo e excêntrico aforismo de René Char, a filósofa Hannah Arendt principia sua coletânea de ensaios intitulada *Entre o Passado e o Futuro* (1961)¹. Em seu exercício teórico, a pensadora alemã interpreta a metáfora do poeta afirmando que ela fora tecida a partir da constatação da enorme falta de um nome para essa herança. A modernidade é marcada pela ausência de um testamento que transmita esse tesouro perdido aos herdeiros, que o nomeie e diga qual o seu valor. Vale lembrar que essa herança não é composta unicamente por objetos, mas, também, por costumes, diálogos, experiências que possam ser partilhadas.

Então, o que seria esse testamento para Arendt? Ela prossegue sua linha de pensamento defendendo que o testamento reside na *tradição*. Entendemos que tradição e passado não são a mesma coisa, visto que nem todos os fatos são dignos de serem lembrados. Dessa forma, a tradição escolhe, lança um olhar seletivo para o passado, elencando e distinguindo aquilo que deve ser lembrado do que deve ser esquecido. A perda da tradição na modernidade provocou uma ruptura sem precedentes, visto que:

¹ Acerca do título “Entre o Passado e o Futuro” trazemos o seguinte comentário de Arendt: “Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro”. (ARENDDT, 2014, 37)

(...) parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e, portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. O tesouro foi assim perdido, não mercê de circunstâncias históricas e da adversidade da realidade, mas por nenhuma tradição ter previsto seu aparecimento ou sua realidade; por nenhum testamento o haver legado ao futuro. (ARENDDT, 2014, 31).

Seguindo o rastro metodológico de Hannah Arendt, entendemos que ainda há um passado, informações acessíveis sobre fatos e obras, entretanto a ausência de uma tradição que aponte onde residem os valores e os “tesouros” não torna possível a constituição de memórias. Ficamos, assim, imersos em um pretérito repleto de coisas que não apresentam sentido, haja vista que não há mais critérios para a recordação.

A leitura até aqui nos permite afirmar que um dos pontos fundamentais na teoria arendtiana, a ruptura do fio da tradição ²ocasionou uma quebra entre o passado e o futuro, uma vez que não existe mais um elo que os ligue, a partir daí a humanidade vive o risco de ver, bloqueado, seu acesso aos “tesouros”. Sem uma tradição que nos comunique critérios de valor, como saber o que é o certo e o que é o errado? Não há mais como “firmar-se” a um chão confiável.

2 Experiência e Autoridade.

Tendo até aqui feito uma leitura da ruptura da tradição, pretendemos analisar os conceitos de *autoridade e experiência*, nos valendo de uma interlocução entre os textos *Experiência e Pobreza* e *O Narrador* de Walter Benjamin e o ensaio *Que é autoridade ?* de Hannah Arendt.

² “Arendt conheceu Walter Benjamin quando este ainda vivia em Berlim, mas foi apenas por intermédio de seu primeiro marido Günther Stern, primo de Benjamin, que ela pôde desfrutar continuamente de sua companhia durante o período em que ambos viveram em Paris, nos anos trinta, como refugiados da Alemanha nazista. A partir de 1936, Arendt passou a frequentar as discussões promovidas por Benjamin em seu apartamento, estabelecendo com ele um laço de proximidade que duraria até seu suicídio, poucos anos mais tarde, em 1940. Em seu último encontro com Arendt, em Marselha, onde ambos tentavam conseguir documentos para emigrar para os Estados Unidos, Benjamin confiou a ela vários de seus manuscritos, entre eles o das famosas Teses “Sobre o conceito da história”, como que adivinhando que ele próprio não conseguiria deixar a França ocupada, o que de fato aconteceu. Esses manuscritos, sobreviveram à morte de Benjamin, graças à amizade que brotara entre Arendt e ele (...)” (DUARTE, 2000, 142-143).

É bastante perceptível a estreita conexão de Hannah Arendt com o pensamento de seu amigo, o também alemão Walter Benjamin³, quando ele alerta sobre a “pobreza de experiência” e a consequente perda de uma memória significativa na modernidade. Em sua obra *Homens em Tempos Sombrios*³, nos diz Arendt: “Walter Benjamin sabia que a ruptura da tradição e a perda de autoridade que ocorriam durante sua vida eram irreparáveis e concluiu que teria de descobrir novas formas de tratar o passado”. (ARENDR, 2008, 208).

Benjamin entende que o significado de tradição reside na transmissão de experiências vivas, sendo elas repassadas através das narrativas. Ele inicia seu texto *Experiência e Pobreza* (1933) fazendo referência a uma antiga parábola:

... de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra da região. Só então compreendem que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (BENJAMIN, 1994, 114).

É possível se inquietar com essa parábola, haja vista que fica bem destacada a demasiada confiança dada ao velho pai. Explico: Os filhos sequer pedem mais detalhes que dessem respaldo à história, mas seguem de maneira obediente as orientações dele e nem colocam dúvida na veracidade de suas palavras após terem escavado e não terem encontrado ouro algum. É oportuno, então, realizar a seguinte indagação: por que, mesmo com lacunas que poderiam gerar incertezas, os filhos agem assim? A partir do pensamento benjaminiano, entendemos que a resposta está na presença da *autoridade*. Segundo o filósofo sugere nas entrelinhas do texto, a autoridade deriva de uma competência, e esta se estrutura na sabedoria. Ele explica que os filhos agem dessa maneira porque o pai teve uma extensa vida, marcada por muitos anos de experiências compartilháveis, e por isso, tem autoridade para poder narrá-las, transmitindo

³ A autora pega emprestado a expressão “tempos sombrios” do dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht (1898 – 1956). Arendt nos brinda em sua obra *Homens em Tempos Sombrios* com ensaios biográficos que retratam a dignidade humana de homens e mulheres que foram marcados na primeira metade do século XX pela ascensão do totalitarismo.

aos seus descendentes ensinamentos a partir da vida prática. Consoante Benjamin:

Sabia – se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos (BENJAMIN, 1994, 114).

Benjamim ao escrever *O Narrador* (1936), nos apresenta figuras sábias⁴, os narradores, que a partir do momento em que narravam suas experiências, exerciam a sua função de cuidar da permanência da tradição, de torná-la viva e de transmiti-la aos mais jovens.

A tradição se perpetuou através das narrativas, ofertando às gerações a oportunidade de tomarem conhecimento do passado, e, dessa maneira, poderem agir “agarradas a critérios de segurança”, uma vez que eram repassados ensinamentos morais, regras para a convivência cotidiana. Por isso, no final do texto Benjamin diz: “... o narrador figura entre os mestres e os sábios.” A matéria prima da narrativa é a vida humana, tecida numa relação artesanal, dia após dia. Ela não pode prescindir da harmonia de corpo e espírito. Nessa relação entram em sintonia “a alma, o olho e a mão (...) inscritos no mesmo campo”. Benjamin cita Valéry para afirmar que “a observação do artista pode atingir uma profundidade quase mística. Os objetos iluminados perdemos seus nomes: sombras e claridades formam sistemas (...) que não dependem de nenhuma ciência” (BENJAMIN, 1985, 220). A fonte de onde corpo e espírito em conjunto recebem “todo o seu valor” são “as afinidades singulares entre a alma, o olho e a mão de uma pessoa nascida para surpreender tais afinidades em si mesmo, e para as produzir”, diz Benjamin citando Valéry (BENJAMIN, 1985,

⁴ Chamamos de sábios em Walter Benjamin, os mais velhos, anciãos, aqueles que possuem o dom da arte de narrar e a partir daí, aconselhar: “Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia)” (BENJAMIN, 1994, 221).

220). Dito isso compreende-se porque “O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo” (Idem, *ibidem*).

As histórias narradas versam sobre as experiências de uma comunidade, são histórias capazes de nos ensinar algo. Tais experiências dizem respeito a um legado de sabedorias e de conselhos de uma tradição. A narrativa se utiliza dessas experiências, que não necessariamente devem sempre condizer somente com aquilo que o narrador mesmo vivenciou, mas também com o que ouviu narrado. Nas palavras de Walter Benjamin:

Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, 198).

O filósofo se refere ao narrador como sendo alguém hoje inexistente, visto que não há mais histórias a contar, devido ao fato de que não há mais experiências a comunicar. Em outras palavras: o narrador necessita retirar de sua experiência ou da de outros, a fonte que sustenta a narrativa, uma vez que: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1994, 198).

Se hoje os mais velhos desconhecem o valor da sua própria experiência, que autoridade eles terão para “aconselhar” os jovens? Se não tem capacidade de aconselhar nem a si próprios, como aconselharão seus filhos, seus alunos? Assevera Benjamim:

o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo tão antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. (BENJAMIN, 1994, 200).

O rastro teórico benjaminiano revela que se a arte de narrar é encarada hoje como uma raridade, isso se deve à propagação das informações. Hodiernamente somos rodeados por inúmeras informações, elas chegam rápido e são repassadas rapidamente, todavia tais relatos são marcados pela efemeridade, visto que são constantemente substituídos por outras novidades.

Dessa forma, não concedem autoridade a quem as transmite, pois as informações estão bem acessíveis a todos.

Consoante, Walter Benjamin:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 1994, 203).

Insiste Benjamin:

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar – se inteiramente a ele é sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1994, 204).

Entendemos que a narração de uma experiência repleta de significações, tem o poder de gerar permanência, visto que a autoridade de um sábio, de quem já passou por uma longa existência, proporciona o desenvolvimento de relações educativas a partir da gratidão das novas gerações que o escutam e reconhecem sua autoridade.

De maneira dramática, Benjamin indaga: “Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?” E pensando no princípio de autoridade, o filósofo nos alerta: “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (BENJAMIN, 1994, 114)

Corroborando com a reflexão de Benjamin, dessa autoridade invisível que se apresenta na arte de narrar experiências, nossa investigação teórica aponta que Hannah Arendt expõe, de maneira radical e categórica, que a autoridade desapareceu do mundo moderno. “Uma vez que não podemos mais recorrer a experiências incontestes comuns a todos” (ARENDR, 2014, 127).

A autora chega a afirmar que ao tratar o conceito de autoridade, seria mais sensato indagar sobre “o que ela foi”, em vez de “o que ela é”. Mas, de que forma tivemos o solapamento da autoridade no mundo moderno? Se para Benjamin, a autoridade reside na experiência, de maneira bem próxima podemos afirmar que em Hannah Arendt a autoridade está na tradição.

Na civilização da Roma Antiga, a fundação era pertencente a um tempo sagrado, ela era inviolável. Os cidadãos, entretanto, tinham por obrigação assegurar a tradição dessa experiência, isto é, garantir que os testemunhos da fundação fossem repassados de geração em geração. A tradição ofertava um modo de enxergar o passado, não apenas transmitia relatos do passado, mas os interpretava e mensurava a partir de critérios.

Segundo Arendt, esse fenômeno do mundo moderno se originou a partir da derrocada da tríade romana. Durante séculos a tríade autoridade – religião – tradição havia ofertado às gerações critérios incontestáveis, nos quais era possível agarrar -se, ter uma referência segura para guiar-se no mundo. A autoridade que elasticia o passado até o presente, dependia da religião, que fazia a ligação entre o presente e o passado e tradição que assegurava a transmissão ininterrupta do antigo ao novo.

Em um texto intitulado “*Totalitarismo*” apresentado em uma palestra em 28 de outubro de 1954, nossa autora assevera a relação autoridade, religião e tradição, através do critério da fundação:

Especificamente, o que a autoridade significa em nosso mundo ocidental? A palavra é de origem romana, desconhecida em grego. Desde os tempos romanos a autoridade era conectada com a tradição e a religião: a autoridade era transmitida por meio da tradição, ela pertencia aos ancestrais; o passado tinha autoridade sobre o presente, por causa do início, da fundação de Roma. Quem quer que se sentisse vinculado a esse início era pio, *pietas*, religioso. Com a Igreja Católica, [temos] a mesma interpretação da autoridade, só que no lugar da fundação de Roma entrou a fundação da igreja por Cristo. A trindade romana Autoridade – Religião – Tradição perdurou até a Nova Era (ARENDR, 2011, 230).

A grande problemática levantada por Arendt em seu texto “*O que é autoridade?*” é que a modernidade contestou a sacralidade da tradição, sem condições de oferecer nada para preencher o seu lugar. Estabeleceu-se uma lacuna que desencadeou deturpações e confusão sobre em que esfera é

Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE). Brasileiro, residente em Maracanaú – CE. Email: rafaell.queiroz@hotmail.com

possível localizar a autoridade, pois “uma crise constante de autoridade, sempre crescente e cada vez mais profunda, acompanhou o desenvolvimento do mundo moderno em nosso século” (ARENDR, 2014, 128).

Talvez a grande confusão teórica que necessitamos destacar impreterivelmente seja a questão da localização da obediência. “Visto que a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida como alguma forma de poder ou violência” (ARENDR, 2014, 129). Contudo, onde a utilização da violência é requerida não há autoridade, visto que violência exige o cumprimento de uma norma via uso da força. Da mesma forma, a persuasão não é apropriada, haja vista que pressupõe uma condição de igualdade entre os envolvidos, que podem, por conseguinte se valerem da arte da argumentação para o convencimento, maculando, assim a hierarquia da autoridade. A relação de desigualdade é prerrogativa para sua existência. A autoridade reside na hierarquia que rechaça a coerção, ao mesmo tempo em que não tolera a persuasão.

Arendt, de maneira brilhante, exemplifica essa questão:

Sua insígnia é o reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeçam; nem a coerção nem a persuasão são necessárias. (Um pai pode perder a autoridade tanto batendo em seu filho quanto discutindo com ele, ou seja, tanto comportando – se em relação a ele como um tirano quanto tratando – o como um igual.) Conservar a autoridade requer respeito pela pessoa ou pelo cargo. O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo, e o mais seguro meio para miná-la é a risada. (ARENDR, 2001, 37)

Conforme Arendt: “Historicamente, podemos dizer que a perda da autoridade, é meramente a fase final, embora decisiva, de um processo que durante séculos solapou basicamente a religião e a tradição (ARENDR, 2014, 130). A partir do pensamento arendtiano, percebemos que a crise de autoridade de nosso século consiste no desmoronamento tão próximo do elemento último e mais sólido da antiga tríade romana, uma vez que religião e tradição já foram terrivelmente abaladas desde o início da modernidade.

A crise da autoridade que abalou o mundo moderno, representa para Arendt, uma crise “política em sua origem e natureza” (ARENDR, 2014, 128).

Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE). Brasileiro, residente em Maracanaú – CE. Email: rafaell.queiroz@hotmail.com

Para nossa autora, a autoridade não é reconhecida nos partidos políticos e em nenhum governo e essa ausência moldou um cenário fundamental para que o totalitarismo⁵ tirasse proveito e se estabelecesse, tendo conseguido se estabelecer na primeira metade do século XX. Para a filósofa, o ineditismo do totalitarismo foi crucial para que ela pudesse afirmar que “ A ruptura em nossa tradição é agora um fato acabado⁶” (ARENDT, 2014, 54). Para Benjamin também, onde não há autoridade aparece a oportunidade para o autoritarismo. Isso é exemplificado na leitura da dramaturgia (*Trauerspiel*) do século XVII no livro escrito de 23 a 25 “Origem do drama barroco alemão”. Nele o filósofo mostra, em pleno regime absolutista, que uma figura real, transgredindo o *sistema jurídico do principado barroco*, ou seja, transgredindo as leis absolutistas consegue se fazer e se mostrar, com sua autoridade, fidedigno ao reino. É quando o soberano se mune de toda a experiência vivida para *saber lidar com os fatos e transformar a dinâmica histórica em ação política* (BENJAMIN, 1984, 118)

Importante ressaltar que o conceito de autoridade e totalitarismo em Arendt não se associam, haja vista que esse último tem como instrumentos a violência, a coerção, além de uma “ total eliminação da própria espontaneidade, isto é, da mais geral e elementar manifestação da liberdade humana a qual somente visam os regimes totalitários”(ARENDT, 2014, 133). “A análise da política, na percepção benjaminiana, como uma fundação na identidade com o

⁵ “Se os homens ainda acreditassem que era correto obedecer às instituições políticas e significações herdadas dos antepassados, que a alma é imortal e que o fogo do inferno castigaria os criminosos, regimes baseados no terror, na fusão entre legalidade e arbitrariedade, nas leis do movimento da História ou da Natureza e na ideologia totalitária jamais teriam sido possíveis. Somente a “terrível novidade” do totalitarismo rompe definitivamente o fio da história ocidental, usurpando a autoridade e a dignidade da nossa tradição” (NETO, 2009, 43).

⁶ Sabemos que o totalitarismo se estabeleceu como pretense regime político (Arendt enfatiza que o mesmo é negador da política) na Alemanha e na URSS, todavia a pensadora alemã alerta que as sementes totalitárias podem germinar em outros locais e em qualquer momento, pois essa “ forma inteiramente nova de governo que, como potencialidade e como risco sempre presente, tende infelizmente a ficar conosco de agora em diante, como ficaram, a despeito de derrotas passageiras, outras formas de governo surgidas em diferentes momentos históricos e baseadas em experiências fundamentais – monarquias, repúblicas, tiranias, ditaduras e despotismos” (ARENDT, 2014, 639).

passado [...] exige o olhar retrospectivo à tradição, para a mobilização do presente”(CALLADO, 2006, 114). Benjamin não dissocia tradição e experiência, da capacidade de rememoração, matéria prima de um conhecimento prático essencial à existência.

3 A autoridade entre o ensinar e o educar: conceitos distintos.

Walter Benjamin nos instiga a refletir sobre “qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1994, 115). Quem ainda possui autoridade para narrar? Compreendemos que não temos mais um parâmetro firme da tradição, e como consequência nos deparamos com a perda de referenciais de autoridade no mundo moderno, porque a memória dos antigos valores enfraqueceu-se. Arendt aponta, de maneira alarmante, que essa perda da autoridade está para além da esfera pública, ela defende que “há uma conexão entre a perda de autoridade na vida pública e política e nos âmbitos privados e pré – políticos da família e da escola” (ARENDR, 2014, 240), fato que ela intitula de *A crise na educação*. Para Benjamin o valor da experiência se estende ao âmbito político. O estadista é aquele que, pela experiência sabe decidir melhor por saber “lidar com os fatos” (BENJAMIN, 1984, 118). Para nossa autora, é dever dos adultos introduzir as crianças no mundo. Arendt as denomina “recém chegadas”, “estrangeiras”, uma vez que chegam “atrasadas” a um mundo que já existia antes delas e pelo qual se tornarão responsáveis na fase adulta. Todavia, a filósofa constata: “A autoridade foi recusada pelos adultos e isso somente pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças” (ARENDR, 2014, 240).

A modernidade trouxe a formação de uma sociedade de massas, isolada, desinteressada pela pluralidade do espaço público. Essa característica promove uma relação de estranhamento com o mundo. Explico: Como o individuo não se reconhece como parte do mundo, por isso não se compromete com ele, passando a “dar as costas”, a não compartilhar experiências, porque não as encontra e, também, pelo fato de ser incapaz de enxergar significado, uma vez

Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE). Brasileiro, residente em Maracanaú – CE. Email: rafaell_queiroz@hotmail.com

que o ponto fundamental de sua existência passou a ser a sobrevivência, quando ele se vê acorrentado aos interesses de seu ciclo vital, ou seja: o trabalho e o consumo.

O narrador citado por Benjamin parece estar em extinção, visto que os adultos se interessam unicamente em salvaguardar a vida de seus descendentes, e a preocupação gira em torno do crescimento biológico da criança. Os tesouros não estão sendo compartilhados, a herança não está sendo apresentada a seus herdeiros. Hannah Arendt adverte de maneira firme: “Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação (ARENDR, 2014, 239).

Ao introduzir a criança no mundo comum, os pais “assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo” (ARENDR, 2014, 235). O ato de educar estabelece vínculos, uma passagem estratégica entre o velho e o novo e uma combinação entre o indivíduo e o mundo compartilhado.

Arendt aponta que “A autoridade do educador e as qualificações do professor não são a mesma coisa” A qualificação é fundamental, pois capacita o professor a conhecer o mundo e ensinar seus alunos acerca dele, todavia, isso não é o suficiente para constituir autoridade, pois ela reside no fato dele assumir responsabilidade pelo mundo: “Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: Isso é o nosso mundo”. (ARENDR, 2014, 239).

Podemos afirmar que os alunos exercem a prática de verem e ouvirem os colegas, além de serem vistos e ouvidos por eles, contudo ainda não podem ser totalmente responsabilizadas por suas atitudes e palavras e não possuem condições de assumirem responsabilidade pelo mundo comum, quando estão fora da escola. Os alunos não podem arcar com o peso do mundo e com o fardo dessa responsabilidade, visto que eles ainda não são cidadãos para poderem

assumir o espaço público, haja vista que a escola se insere em um contexto pré-político.

Hannah Arendt alerta que: “É muito mais fácil, porém, ensinar sem educar, e pode-se aprender durante o dia todo sem por isso ser educado” (ARENDR, 2014, 247). O professor jamais pode ter uma relação de indiferença com aquilo que ensina, uma vez que só conseguirá fazer seu aluno se interessar por seu legado, quando ele mesmo acreditar que tem acesso a uma sabedoria de grande valor e de que esse mundo o qual ele comunica tem sentido. Walter Benjamin também faz uma diferença entre educar e ensinar. Enquanto a educação forma para a existência, o ensino pode ser dogmático. Ensinar (*lehren*) em alemão tem a mesma raiz de doutrina (*Lehre*).

Em seu ensaio *Experiência e Pobreza*, o filósofo nos fala da perda da arte de narrar, chegando a citar a perda de experiências comunicáveis, situação traumática deixada pela Grande Guerra. Para ele: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo – se ao homem (BENJAMIN, 1994, 115). A aceleração trazida pela técnica tornou inútil a relação artesanal do homem com a existência. Além disso prescindiu da reminiscência que “funda a cadeia da tradição” (BENJAMIN, 1985, 211)

Podemos relacionar a crítica que Benjamin faz à ideia de progresso, por meio da tecnologia, ao pensamento que Arendt tem de educação como a prática que possibilita inserção e cuidado com o mundo. Nossa autora nos diz:

Se uma criança não fosse um recém – chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação a seus filhos. (ARENDR, 2014, 235).

Podemos extrair dessa interlocução dos dois autores a seguinte constatação: as escolas dessa sociedade contemporânea seguem e servem ao progresso tecnológico, e, por isso, visam o ensino sobre a utilização das tecnologias voltadas para o mercado de trabalho. Por esse motivo a filósofa exorta: “A função da escola é ensinar às crianças como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver”. (ARENDR, 2014, 246).

Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE). Brasileiro, residente em Maracanaú – CE. Email: rafaell.queiroz@hotmail.com

De maneira inevitável, a educação tem a característica de voltar-se para o passado, uma vez que esse mundo sempre será mais velho que as crianças. Todavia para o professor, fazer a transição entre o velho e novo, fazer esse papel de mediador frente a uma crise da tradição na modernidade é bastante árduo, “de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado” (ARENDR, 2014, 244).

A nosso ver, é importante relacionar o professor com o narrador de Walter Benjamin. O professor transmite as tradições, as heranças que são legadas aos recém chegados. Assim como o narrador, ele narra a seus alunos, as experiências, saberes, tradições e costumes de um povo. A partir daí os alunos passam a se reconhecerem nas histórias narradas e a se sentirem parte deste mundo, tendo a possibilidade de futuramente assumirem responsabilidade por ele, preservando-o e transformando-o à sua maneira. Educar não é simplesmente repassar reconhecimento, mas fazer a inserção dos novos em um mundo que está em constante transformação, possibilitar que os estrangeiros se apropriem dele para que depois ele possa ser chamado de “seu mundo”.

Já nos anos cinquenta, Arendt lançou o alerta sobre a realidade de uma crise na educação. Mas ela não nos oferece uma solução, nem mesmo um guia de orientações de como proceder. Segundo ela:

O problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não poder, esta, abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição (ARENDR, 2014, 245-246).

Se Benjamin afirmou que a arte do narrador está praticamente em extinção, pelo fato de que não há uma tradição que assegure a transmissão de experiências, se faz necessário relacionar-se com o passado de uma nova forma, buscando extrair resquícios, fragmentos dessa tradição despedaçada. Arendt apresenta o raciocínio teórico de Walter Benjamin com essa nova perspectiva em relação ao passado:

Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE). Brasileiro, residente em Maracanaú – CE. Email: rafaell_queiroz@hotmail.com

Como um pescador de pérolas que desce ao fundo do mar, não para escavá-lo e trazê-lo a luz, mas para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas, e trazê-los a superfície, esse pensar sonda as profundezas do passado – mas não para ressuscitá-lo tal como era e contribuir para a renovação de eras extintas. O que guia esse pensar é a convicção de que, embora o vivo esteja sujeito à ruína do tempo, o processo de decadência é ao mesmo tempo um processo de cristalização, que nas profundezas do mar, onde afunda e se dissolve aquilo que outrora era vivo, algumas coisas “sofrem uma transformação marinha” e sobrevivem em novas formas e contornos cristalizados que se mantêm imunes aos elementos, como se apenas esperassem o pescador de perolas que um dia descerá até elas e as trará ao mundo dos vivos – como “fragmentos do pensamento”, como algo “rico e estranho”. (ARENDR, 2008, 222).

Resta a possibilidade de olhar para o passado⁷ e dele extrair algumas marcas luminosas, “mergulhar até as profundezas do mar” e nele enxergar “pérolas e corais”, momentos da história a que podemos dar novo significado e, assim, nos convencer que não podemos virar as costas para o mundo. Apesar de tudo, Hannah Arendt afirma que não podemos desistir da educação, pois há sempre uma esperança, a “essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nascem*⁸ para o mundo” (ARENDR, 2008, 222).

CONCLUSÃO

Por fim, chegamos ao entendimento que a *autoridade*, da maneira que o ocidente conheceu durante séculos, se originou na Roma Antiga e manteve uma relação bem estreita com a religião e a tradição.

⁷ À semelhança de Benjamin, também o retorno arendtiano ao passado não se pauta pelo interesse em reconstituí-lo de maneira fidedigna, segundo os parâmetros do historiador positivista. O que importa a Arendt não é o passado como tal, mas a possibilidade de narrar certas experiências políticas do passado de modo a transformá-las em mitos ou cristalizações que revelem o sentido das manifestações políticas cruciais do presente encontrando assim correspondências sintomáticas entre o passado e presente (DUARTE, 2000, 143).

⁸ Para Arendt, os seres humanos passam por dois nascimentos: o primeiro está relacionado ao ciclo biológico, ao seu nascimento enquanto ser natural, já o segundo nascimento diz respeito ao seu “aparecimento” no espaço público, inserido no contexto da pluralidade.

Através da narrativa, os anciãos, os narradores, exerciam o papel de manter a tradição viva, pois foi através dessa transmissão de *experiências* que a tradição perdurou. Ao narrarem suas experiências, os mais velhos possibilitavam aos mais novos tomarem conhecimento dos tesouros do passado, seus valores, riquezas de um povo e, a partir daí, nessa intercambiação de experiências compartilháveis, dar sentido ao mundo, podendo futuramente se responsabilizar por ele.

Conforme a análise teórica de Hannah Arendt e Walter Benjamin, concluímos que a autoridade se encontra praticamente ausente na sociedade contemporânea, sendo essa questão constada nas relações entre os mais velhos e os mais jovens, alunos e professores, pais e filhos. E ainda com repercussões calamitosas no mundo político, que à falta da autoridade, faz uso do autoritarismo, com a mera tagarelice (*Geschwätz*), através da linguagem como instrumento (*Mittel*) (BENJAMIN, 2011, 69), na propaganda, nos *mass media*.

Os estrangeiros nesse mundo, os *recém chegados*, devem ter acesso as experiências significativas, ao verdadeiro aprendizado. Para isso é necessária a memória, a mais épica de todas as faculdades (BENJAMIN, 1985, 210) Em vez de estudos restritos a técnica e informação, visto que se desassociarmos a educação de seu engajamento com o mundo, e o combinarmos apenas a sua utilidade para o crescimento da economia e tecnologia, a educação correrá o perigo de se transformar em uma simples ferramenta desse processo, deixando de ser o lugar da intermediação entre a antiga geração, que apresenta o mundo e o confia e as novas gerações que nele são recebidas. Há ainda outro risco – o de abdicar da verdade com a perda do conhecimento acumulado a que Benjamin dá o nome de sabedoria. Para Benjamin, “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1985, 200). E “ a sabedoria é o lado épico da verdade” (BENJAMIN, 1985, 200-201) Às crianças e aos jovens não pode ser negada a possibilidade de envelhecer e de viver uma existência provida de significado e ressignificação, para que assim como o velho homem em seu leito de morte, possam passar experiências valiosas para seus descendentes.

Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE). Brasileiro, residente em Maracanaú – CE. Email: rafaell_queiroz@hotmail.com

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7ª ed. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

_____. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Origens do Totalitarismo**. 2ª ed. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Sobre a violência**. 3ª ed. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. “Totalitarismo”. Trad. Adriano Correia. In: **Revista Inquietude** vol 2, nº 2 2011/02, p. 229 – 237, Goiânia: UFG, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. “Experiência e pobreza” in: **Magia e Técnica, Arte e Política** .7ª ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas v. 1) p. 114-119.

_____. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas v. 1) p. 197-221.

_____. “Sobre a linguagem em geral e a linguagem dos homens” in: **Escritos sobre mito e linguagem** (Org. Jeanne Marie Ggnebin e Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves), São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CALLADO, Tereza de Castro, **Walter Benjamin - a Experiência da Origem**, Fortaleza: EDUECE, 2006.

DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. **Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2009.